

República – Livro 1

- . Cena de fundo ricamente descrita.
- . Sócrates diz não possuir ele próprio conhecimento, mas faz de tudo para minar, com suas perguntas, a confiança daqueles com quem dialoga.
- . Livro 1 é diverso dos demais da *República* (são 10 ao todo), nos quais Sócrates profere praticamente um monólogo.
- . Assemelha-se a outros diálogos socráticos do início da carreira de Platão.
- . Padrão: Sócrates conversa com um personagem sobre alguma qualidade moral – coragem, piedade, amizade etc. – e mostra que as ideias que tal personagem tem a respeito são pouco adequadas ou incoerentes.
- . Em geral, a discussão surge porque o personagem em questão possui, ou parece possuir, a qualidade moral discutida.
- . Lição geral: nesses diálogos, quem possui ou diz possuir conhecimento sobre uma qualidade moral é provavelmente quem tem ideias equivocadas ou insatisfatórias a respeito e é incapaz de submeter-se ao escrutínio intelectual sobre o tema.
- . Os personagens confrontados mostram-se às vezes irritados com o fato de suas ideias serem contestadas sem que nada seja oferecido para substituí-las.
- . Livro 1: conversa com um homem rico, na visão de quem a riqueza ajuda a ser justo, leva a uma discussão sobre a justiça em geral, na qual as ideias convencionais são postas em xeque, embora não se forneça nada em seu lugar.
- . Terá sido o Livro 1 composto antes dos demais?
- . Sócrates não inicia seus argumentos filosóficos no vácuo. O tema surge naturalmente de uma situação concreta; a investigação filosófica não faz abstração do mundo real, mas surge para expor as imperfeições de nosso raciocínio.

Céfalo e Polemarco

- . Céfalos, pai de Polemarco e Lísias, é um rico comerciante, natural de Siracusa e residente em Atenas, onde não tem direitos civis.
- . A imagem que se pinta dele é positiva? A *República* foi escrita em época muito posterior aos fatos que descreve: Atenas já havia caído, a família se arruinara, Polemarco fora executado e Lísias se tornara um escritor profissional de discursos. A riqueza não lhe dera segurança.
- . Ideal do que é certo para Céfalos: não mentir, restituir o que não é seu. Por isso que seria mais difícil ao pobre ser justo. O motor de suas ações é o medo, sobretudo das penas após a morte. Não tem verdadeiro interesse intelectual na justiça: logo perde o interesse e se retira.
- . Polemarco articula melhores visões parecidas com as do pai. Também não vê nada de difícil na justiça e considera-se um homem justo, com certa complacência. Jamais se pergunta: será mesmo que sou justo, sem realizar nenhum esforço?
- . Sócrates mostra facilmente que a justiça não é simplesmente não mentir e restituir o que não é seu. Mostra-o dizendo que nem sempre esse é o caso, numa jogada clássica nos diálogos: alguém que parece possuir certa virtude é indagado sobre o que ela é, e responde arrolando ações de certo tipo. Sócrates sempre rebate citando circunstâncias que transformam a suposta ação em seu oposto.
- . Ou seja: não se pode dizer o que é uma certa qualidade elencando ações de certo tipo, pois o mesmo tipo de ação pode não exibir essa qualidade, ao passo que essa qualidade pode figurar em outros tipos de ação.
- . Para evitar contraexemplos, Polemarco tenta elevar certas ações a um nível de generalização condizente. A justiça seria dar a cada um “o que se deve”. Sócrates rebate que, se for assim, a justiça é algo trivial, desprovida de um campo de ação específico. Mas será que a justiça é uma arte (*tekhnē*), comparável com outras artes? Não seria, antes, seguir certos preceitos?

- . “Arte”, para Platão, é um corpo organizado de conhecimento dos meios para atingir um certo fim. Algumas são práticas, outras não. Mas toda arte possui um elemento intelectual – o fato de o artífice saber o que faz.
- . Mas se a arte implica um raciocínio entre meios e fins, sem nunca questionar *quais* são esses fins, será que a justiça é uma arte, se seus fins não são, a princípio, óbvios?
- . Mais adiante, na *República*, ficará claro que a justiça não é pôr em prática certas ações, mas sim um estado de alma da pessoa: é algo interno, não externo, e envolve conhecimento, não obediência cega à convenção, como quando Polemarco diz que justiça é “beneficiar amigos e prejudicar inimigos”.

Trasímaco

- . No Livro 1, Trasímaco faz uma série de afirmações que formam um todo inconsistente.
- . Diz primeiro que a justiça não é mais que a vantagem ou o interesse do mais forte. Depois diz que justiça é obedecer a leis. Um pouco adiante, afirma que a justiça é o bem de outrem, ou seja, que beneficia outra pessoa, ao passo que a injustiça beneficia o agente – é o bem de si próprio: o homem injusto busca o seu próprio bem, o justo beneficia os outros.
- . Assim, a injustiça parece bastante razoável: é a defesa dos próprios interesses, que impede outros de levar vantagem sobre si próprio. Será que compensa, então, ser injusto? Essa será uma questão a ser tratada no restante da *República*.